



GT 31. Economias indígenas e quilombolas e as trocas generalizadas

Coordenador(es):

Amanda Cristina Danaga (UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul)

Lígia Rodrigues de Almeida (FUNAI)

Sessão 1

Debatedor/a: Flávio Rodrigo Freire Ferreira (IFRN - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte)

A proposta do GT é criar um fórum de interlocuções com pesquisadores que investigam as diversas formas de organizações econômicas de populações indígenas e quilombolas, operacionalizadas para garantir a sobrevivência física e cultural dentro de um Estado capitalista. Com a expansão colonial europeia na América e especificamente no Brasil, indígenas e, posteriormente comunidades quilombolas, sofreram com as intervenções advindas dos avanços da economia capitalista de mercado de maneiras bem diversificadas. Na região amazônica, por exemplo, durante o século XVIII, o regime de regatão prevaleceu e, no século XIX até os dias atuais, o sistema de aviamento tornou-se operante. Esses dois formatos de relações econômicas foram os propulsores dos intercâmbios comerciais entre indígenas e não indígenas em boa parte das terras baixas da América, estabelecendo uma relação assimétrica entre patrões-fregueses, posseiros e meeiros. No nordeste brasileiro e outras regiões da América, o ajuri (mutirões comunitários), a mita, o meeiro, as trocas recíprocas e generalizadas vinculadas às práticas “tradicional” de produção, modalidades econômicas manejadas por indígenas e quilombolas que fomentam o sustento necessário para a sobrevivência. No contexto de inserção em diversos formatos econômicos e de trocas generalizadas, o GT visa dialogar e refletir sobre as situações econômicas e as peculiaridades aludidas por indígenas e quilombolas e suas intersecções com os Estados e a economia capitalista.

Encontros e deslocamentos do Nixi Pae

Autoria: Caroline de Brito Santos (UERJ)

Nos últimos 15 anos, diferentes etnias indígenas vêm se inserindo e ampliando sua participação nos circuitos urbanos de rituais xamânicos. Este work resulta do acompanhamento de rituais de nixi pae (ayahuasca ou cipó) conduzidos pelos Huni Kuin, povo pano do Acre, no Rio de Janeiro. Em geral, essas cerimônias ocorrem através de agentes intermediários que atuam na organização das atividades da comitiva indígena durante sua permanência na cidade e seus arredores. O encontro entre brancos e índios nos ?works? realizados em cenários urbanos envolvem deslocamentos espaciais e simbólicos tanto do público participante como dos Huni Kuin. Se os visitantes dos centros urbanos, predominantemente ligados às expressões e práticas Nova Era, estão em busca da medicina sagrada em um contexto ritual de alteridade e vinculado à noção de originalidade indígena, também os Huni Kuin são sujeitos em certa medida deslocados de seus mundos, que ali estão simultaneamente como hóspedes e anfitriões. As transformações por que passam os ritos urbanos do Nixi Pae em relação aos modos como eles são realizados nas aldeias são maneiras de estabelecer comunicação e permitir o engajamento dos participantes. De fato, a bebida amazônica tem operado como um mediador relevante nas recentes relações dos Huni Kuin com as sociedades ocidentais modernas, assumindo não apenas dimensões religiosas e terapêuticas, mas também políticas. Neste work dedico-me às produções de sentidos implicadas no contato entre mundos diversos. Mas essas relações são também marcadas por processos de ?equivocação controlada? (Viveiros de Castro, 2004) que atravessam a comunicação entre



brancos e ameríndios, conforme explora Coutinho (2016) ao apontar para os efeitos comunicacionais produzidos pela convergência entre termos da cosmologia indígena (Yube) e da psicanálise (inconsciente). Procuo atentar para esses trânsitos, fluxos e traduções de sentidos que circulam particularmente em torno das dimensões terapêuticas do ritual. Yube é a jiboia, ser encantado que engole aqueles que estão na ?força? do cipó, conduzindo-os a outro mundo. Na ontologia Huni Kuin, baseada em um modelo de alteridade por gradação (Lagrou, 2002, 2018), a força do cipó abre caminho para a experimentação de mundos outros e coexistentes com o mundo habitado, o que produz uma experiência de devir-outro que parece fluir em uma direção diversa daquela que encontramos nos meios Nova Era, marcados pela busca pelo si mesmo, pelo eu verdadeiro, pela singularidade despida de identidades socialmente constituídas. Nesse sentido, busco refletir sobre os encontros e deslocamentos produzidos nesses rituais, particularmente em relação aos modos como os Huni Kuin e o público frequentador percebem as relações entre cura e alteridade.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: